

O DIÁRIO DE

Anne Frank



Veríssimo

*A última fotografia
conhecida de Anne tirada
em maio de 1942
em uma sessão de fotos para
passaporte.*

*© Casa de Anne Frank,
Amsterdã.*



*Anne Frank em dezembro
de 1941.*

*Fotografia feita no Joods
Lyceum (Escola Secundária
Judaica de Amsterdã).*



O DIÁRIO DE ANNE FRANK

Tradução
ROBERTA SARTORI

Veríssimo



Anne Frank em foto escolar, por volta de 1940.

*Eu espero poder contar tudo para você,
como eu jamais pude contar para ninguém,
e eu espero que você seja uma grande fonte
de conforto e apoio.*

Anne Frank

12 DE JUNHO DE 1942.

Eu espero poder contar tudo para você, como eu jamais pude contar para ninguém, e eu espero que você seja uma grande fonte de conforto e apoio.

COMENTÁRIO ACRESCENTADO POR ANNE EM 28 DE SETEMBRO DE 1942: Até aqui você tem realmente sido uma grande fonte de conforto para mim, assim como Kitty, para quem eu escrevo regularmente. Essa forma de manter um diário é muito mais agradável, e mal consigo esperar pelos momentos em que vou escrever em você. Ah, eu estou tão feliz por ter lhe trazido!

DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 1942.

Começarei do momento em que eu ganhei você, do momento em que eu o vi em cima da mesa, em meio aos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, mas isso não conta.)

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Dá para entender porque não consegui ficar na cama, era o meu aniversário! Mas como não tenho permissão para me levantar nesse horário, tive que controlar a minha curiosidade até as quinze para as sete. Quando não pude mais esperar, fui para a sala de jantar, onde a Moortje (a gata) me recebeu esfregando-se nas minhas pernas.

Um pouco depois das sete, fui até o papai e a mamãe e, então, para a sala abrir meus presentes. Você foi o primeiro que eu vi, talvez um dos meus presentes mais bonitos. Tinha também um buquê de rosas, algumas peônias e um vaso de plantas. Do papai e da mamãe, ganhei uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de suco de uva, que, para mim, tem um gosto que mais parece vinho (afinal, vinho é feito de uva), um quebra-cabeça, um pote de *cold cream**, um pouco de dinheiro e um vale-presente para dois livros. Também ganhei o livro *Câmera Obscura* (mas a Margot já tem um, então troquei o meu por outro), uma travessa de biscoitos caseiros (que eu mesma fiz, claro, já que me tornei uma grande especialista em prepará-los), muitos doces e uma torta de morango da mamãe. E uma carta da vovó, que chegou na hora certa, mas é claro que foi só uma coincidência.

Depois, Hanneli veio me buscar e fomos para a escola. Na hora do recreio, distribuí biscoitos para meus professores e colegas, daí já era hora de voltar para a aula. Eu só cheguei em casa depois das cinco, pois fui à academia com o restante da turma. (Mas eu não posso participar, porque meus ombros e quadris tendem a se deslocar.) Como era o meu aniversário, pude decidir o que meus colegas iriam jogar e escolhi vôlei. Depois, todos eles fizeram um círculo ao meu redor e cantaram “Parabéns pra você”.

Quando cheguei em casa, Sanne Ledermann já estava lá. Ilse Wagner, Hanneli Goslar e Jacqueline van Maarsen vieram comigo depois da ginástica, pois somos da mesma turma. Hanneli e Sanne costumavam ser minhas duas melhores amigas. As pessoas que nos viam juntas falavam: “Lá vão Anne, Hanne e Sanne”. Só

* Cold cream: creme indicado para peles ressecadas. Além de ser hidratante, é regenerador, entre tantos outros benefícios.

conheci Jacqueline van Maarsen quando comecei a estudar no Liceu Judaico e, agora, ela é minha melhor amiga. Ilse é a melhor amiga de Hanneli, e Sanne vai para outra escola e fez amigos por lá.

Elas me apresentaram com um livro lindo, o *Dutch Sasas and Lesends*, mas me deram o volume II por engano, então eu troquei outros dois livros pelo volume I. A tia Helene me trouxe um quebra-cabeça; a tia Stephanie, um broche encantador; e a tia Leny, um livro maravilhoso: *Daisy goes to the mountains* [*Daisy vai para as montanhas*].

Esta manhã, estava na banheira pensando em como seria maravilhoso se eu tivesse um cachorro como Rin Tin Tin. Eu também iria chamá-lo com esse mesmo nome e o levaria para a escola comigo, onde poderia ficar na sala do zelador ou perto dos bicicletários quando o tempo estivesse bom.

SEGUNDA, 15 DE JUNHO DE 1942.

A minha festa de aniversário foi no domingo à tarde. O filme do Rin Tin Tin fez sucesso com os meus colegas. Ganhei dois broches, um marcador de livros e dois livros. Vou começar dizendo algumas coisas sobre a minha escola e minha turma, iniciando pelos alunos.

Betty Bloemendaal parece ser meio pobre e acho que provavelmente seja. Ela mora em uma rua desconhecida na área oeste de Amsterdã, nenhuma de nós sabe onde fica. Ela vai muito bem na escola, mas é porque estuda bastante, não porque seja inteligente. É bem quieta.

Jacqueline van Maarsen supostamente foi a minha melhor amiga, mas eu nunca tive uma amiga de verdade. No começo, pensei que Jacque pudesse ser, mas me enganei. D.Q. é uma garota muito nervosa, que está sempre esquecendo as coisas, então os professores ficam passando lição de casa extra para ela como castigo. Ela é muito gentil, especialmente com G.Z. Já a E.S. fala tanto que deixa de ser engraçado. Quando ela pergunta alguma coisa para alguém, está sempre mexendo no cabelo ou nos botões da pessoa. Dizem que ela não me suporta, mas eu não ligo, já que eu também não gosto muito dela.

Henny Mets é uma garota legal, com um jeito alegre, só que fala muito alto e fica muito infantil quando brincamos ao ar livre. Infelizmente, ela tem uma amiga chamada Bepky que é uma má influência, porque é suja e vulgar. Sobre a J.R. eu poderia escrever um livro inteiro. É uma fofoqueira insuportável, dissimulada, arrogante de duas caras, que se acha muito adulta. Ela enfeitiçou mesmo a Jacque, o que é uma pena. J. se ofende por nada, cai no choro pela menor coisa e, ainda por cima, é uma tremenda exibida. A senhorita J. acha que está sempre certa. Ela é muito rica e tem um armário cheio de vestidos encantadores, que são adultos demais para alguém da idade dela. Ela se acha linda, mas não é. Eu e J. não nos suportamos.

Ilse Wagner é uma garota legal com um jeito alegre, mas é extremamente mimada e pode passar horas se lamuriando e choramingando por alguma coisa. Ilse gosta muito de mim. Ela é muito inteligente, mas preguiçosa.

Hanneli Goslar (ou Lies, como a chamam na escola) é meio estranha. No geral, é tímida e reservada perto de outras pessoas, mas sem rodeios em casa. Tudo o que você fala, ela conta para a mãe. Mas diz o que pensa e, ultimamente, passei a admirá-la muito.

Nannie van Praag-Sigaar é pequena, engraçada e sensível. Eu a acho gentil. Ela é muito inteligente. Não há muito mais o que se possa dizer sobre Nannie. Eefje de Jong é fantástica na minha opinião. Apesar de ter apenas doze anos, é uma verdadeira dama. Ela age como se eu fosse um bebê. É também muito prestativa e eu a admiro muito.

G.Z. é a garota mais bonita da nossa turma. Ela tem um rosto lindo, mas é meio burra. Acho que eles farão com que ela repita o ano, mas é claro que eu não disse isso a ela.

COMENTÁRIO, MAIS TARDE, ADICIONADO POR ANNE: Para minha grande surpresa, no final das contas, G.Z. não repetiu de ano.

E, sentada ao lado de G.Z., está a última de nós doze, eu.

Há muito a ser dito sobre os garotos. Pensando bem, nem tanto. Maurice Coster é um dos meus muitos admiradores, mas, basicamente, uma peste. Sallie Springer tem uma mente suja e dizem por aí que ele já foi até o final. Ainda assim, eu o acho excelente porque ele é muito engraçado.

Emiel Bonewit é encantado pela G.Z., mas ela não está nem aí. Ele é bem chato. Rob Cohen também foi apaixonado por mim, mas eu não aguento mais ele. É um patetinha insuportável, duas caras, mentiroso e choramingão, que simplesmente se acha o máximo. Max van de Velde é um menino do campo de Medemblik, mas muito querido, como diria a Margot.

Herman Koopman também tem uma mente suja, bem como Jopie de Beer, que é um paquerador, abolutamente louco por garotas.

Leo Blom é o melhor amigo de Jopie de Beer, mas foi estragado por sua mente suja.

Albert de Mesquita veio da Escola Montessori e pulou uma série. Ele é bem inteligente.

Leo Slager veio da mesma escola, mas não é tão inteligente.

Ru Stoppelmon é um menino baixinho e bobão de Almelo, que foi transferido para esta escola no meio do ano.

C.N. só faz o que não deve.

Jacques Kocernoot senta-se atrás de nós (G. e eu), perto de C., e nós sempre estamos rindo.

Harry Schaap é o garoto mais decente da nossa classe. Ele é legal.

Werner Joseph também, mas todas as mudanças que estão acontecendo ultimamente fizeram com que ele se tornasse muito quieto, por isso ele parece chato. Sam Salomon é um daqueles valentões da parte ruim da cidade. Uma verdadeira peste. (Um admirador!) Appie Riem é bem ortodoxo, mas uma peste também.

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1942.

Escrever em um diário é uma experiência muito estranha para alguém como eu. Não apenas porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que, mais tarde, eu nem ninguém mais vai se interessar pelos pensamentos de uma garota de treze anos. Bem, não tem problema. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de abrir meu coração.

“O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nessa frase em um daqueles dias em que eu me sentia um pouco deprimida e estava sentada em casa, com o queixo apoiado nas mãos, entediada e sem vontade de nada, imaginando se deveria ficar ou sair. Por fim, fiquei onde eu estava, pensando. É, o papel tem mais paciência e, já que não estou planejando deixar ninguém ler este caderno de capa dura que solenemente chamamos de “diário”, a menos que eu encontre um amigo de verdade, provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora voltei ao ponto que me fez começar a escrever um diário: eu não tenho um amigo.

Vou ser mais clara, já que ninguém vai acreditar que uma menina de treze anos esteja completamente sozinha no mundo, e não estou. Eu tenho pais amorosos, uma irmã de dezesseis anos e umas trinta pessoas que posso chamar de amigos. Tenho muitos admiradores que não conseguem tirar seus olhos de mim e, às vezes, recorrem a um espelho de bolso quebrado para tentar me ver na sala de aula. Tenho uma família, tias amorosas e um bom lar. À primeira vista, eu pareço ter tudo, exceto um único amigo de verdade. Quando estou com a turma, só penso em me divertir. Não consigo falar em nada, além de coisas comuns do dia a dia. Parece que não conseguimos ficar mais próximos e esse é o problema. Talvez seja minha culpa por não confiarmos um no outro. De qualquer forma, é assim que as coisas são e, infelizmente, não sei se isso vai mudar. É por isso que eu comecei o diário.

Para realçar a imagem dessa amiga tão esperada em minha imaginação, não quero apenas anotar os fatos neste diário como a maioria das pessoas faria, mas quero que o diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de Kitty.

Mas, se eu comesse a escrever minhas histórias para Kitty sem mais nem menos, ninguém entenderia nada, por isso acho melhor eu fazer um pequeno resumo da minha vida, por mais que eu não goste.

Meu pai é o mais adorável que já vi, se casou com minha mãe quando ele tinha trinta e seis anos; e ela, vinte e cinco. A minha irmã Margot nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha, em 1926. Eu nasci em 12 de junho de 1929. Morei em Frankfurt até os quatro anos. Por sermos judeus, meu pai emigrou para a Holanda em 1933, quando ele se tornou diretor administrativo da empresa holandesa Opekta Company, que faz produtos para a fabricação de geleias. A minha mãe, Edith Hollander Frank, foi com ele para a Holanda em setembro, enquanto Margot e eu fomos mandadas para Aachen, para ficar com a nossa avó. Margot foi para a Holanda em dezembro e eu segui em fevereiro, quando me colocaram em cima da mesa como presente de aniversário para a Margot.

Logo comecei na creche Montessori. E fiquei lá até os seis anos, quando iniciei a primeira série. Na sexta série, a minha professora era a sra. Kuperus, a diretora. No final do ano, estávamos as duas aos prantos quando nos despedimos com o coração partido, porque eu tinha sido aceita pelo Liceu Judaico, onde Margot também estudava.

Nossos parentes que continuavam na Alemanha estavam sofrendo com as leis antijudaicas de Hitler, enchendo nossas vidas de angústia. Depois dos pogroms*, em 1938, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram e encontraram refúgio nos Estados Unidos. Minha avó, aos setenta e três anos, veio morar conosco. Após maio de 1940, os bons tempos eram poucos e distantes entre si: primeiro houve a guerra, depois a rendição e, então, a chegada dos alemães, quando começaram os problemas para os judeus. Nossa liberdade foi severamente restringida por uma série de decretos antijudaicos: os judeus foram obrigados a usar uma estrela amarela; os judeus foram obrigados a entregar suas bicicletas; os judeus foram proibidos de usar bondes; os judeus foram proibidos de andar de carro, mesmo nos seus; os judeus eram obrigados a fazer suas compras entre as 15h e 17h; os judeus eram obrigados a frequentar apenas as barbearias e os salões de beleza de propriedade de judeus; os judeus eram proibidos de sair às ruas entre as 20h e 6h; os judeus não podiam frequentar teatros, cinemas ou qualquer outra forma de entretenimento; os judeus foram proibidos de usar piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou quaisquer outras quadras de esporte; os judeus foram proibidos de praticar remo; os judeus eram proibidos de participar de qualquer atividade esportiva em público; os judeus não podiam se sentar em seus jardins ou nos de seus amigos depois das 20h; os judeus foram proibidos de visitar cristãos em suas casas; os judeus foram obrigados a frequentar escolas judaicas etc. Você não podia fazer isso e não podia fazer aquilo, mas a vida continuou. Jacque sempre me dizia: “Eu não me atrevo a fazer mais nada, porque tenho medo que não seja permitido”.

No verão de 1941, a vovó adoeceu e teve que ser operada, então o meu aniversário teve pouca comemoração. Um ano antes, também não fizemos muita coisa na data, já que o conflito havia recém-terminado na Holanda.

A vovó morreu em janeiro de 1942. Ninguém sabe quantas vezes penso nela e ainda a amo. Por isso, a festa de aniversário de 1942 tem a missão de compensar as outras, e a vela da vovó** foi acesa junto.

Nós quatro estamos bem e isso me traz à data atual de 20 de junho de 1942, e à solene dedicação ao meu diário.

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1942.

Querida Kitty!

Vou começar agora. Tudo está tranquilo neste momento. O papai e a mamãe saíram, e a Margot foi jogar pingue-pongue com alguns colegas na casa da amiga dela, a Trees. Eu também tenho jogado muito pingue-pongue ultimamente. Tanto que eu e mais quatro garotas formamos um clube. Chama-se “A Ursa

* Pogrom é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. No contexto histórico, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países.

** Os judeus têm o costume de acender velas no dia do aniversário da morte de alguém querido. O objetivo é lembrar a vida da pessoa, compartilhar histórias e o legado que ela deixou. Disponível em www.bethelmausoleum.org. Acesso em 22 ago. 2022. (N.T)

Menor Menos Dois”. É um nome bobo, criado por causa de um erro. Nós queríamos dar ao nosso clube um nome especial, e, porque éramos cinco, tivemos a ideia da Ursa Menor. Nós pensávamos que ela consistia em cinco estrelas, mas estávamos erradas. Ela tem sete, assim como a Ursa Maior, o que explica o “Menos Dois”. A Ilse Wagner tem um kit de pingue-pongue e seus pais nos deixam jogar quando quisermos em sua grande sala de jantar. Como nós, as cinco jogadoras de pingue-pongue, gostamos de sorvete e ficamos com calor por conta do jogo, geralmente terminamos a partida e vamos a uma das sorveterias mais próximas que permitem a entrada de judeus: a Oasis ou a Delphi. Há muito tempo paramos de ficar procurando por dinheiro — na maioria das vezes, a Oasis está tão cheia que conseguimos encontrar rapazes generosos que nos conhecem ou um admirador, para nos oferecer mais sorvete do que poderíamos comer em uma semana.

Você provavelmente está um pouco surpresa ao me ouvir falando sobre admiradores ainda tão nova. Infelizmente ou não, isso acontece em nossa escola. Quando um menino pergunta se pode ir de bicicleta para casa comigo e começamos a conversar, nove em cada dez vezes se apaixonará na hora e não vai me perder de vista. É claro que depois de um tempo isso esfria, especialmente porque eu ignoro seus olhares apaixonados e sigo pedalando feliz pelo meu caminho. Se ficar ruim a ponto de eles cogitarem “pedir permissão do papai”, dou uma breve guinada com a minha bicicleta, deixo a minha mochila cair e, quando o rapaz desce da bicicleta para pegá-la para mim, mudo de assunto. Esses são os tipos mais inocentes. Claro, existem aqueles que mandam beijos ou tentam segurar o seu braço, mas, com certeza, eles estão batendo na porta errada. Eu desço da minha bicicleta e recuso a companhia deles ou ajo como se estivesse insultada e digo de forma bem clara para irem para casa sozinhos. Pronto. Acabamos de criar as bases da nossa amizade. Até amanhã.

Sua Anne

DOMINGO, 21 DE JUNHO DE 1942.

Querida Kitty,

Toda a turma está muito inquieta. O motivo é a próxima reunião de professores, quando eles decidem quem vai passar de ano e quem vai repetir. Metade da turma está fazendo apostas. G.Z. e eu rimos muito dos dois garotos atrás de nós: C.N. e Jacques Kocernoot, que apostaram tudo o que haviam economizado para as férias. O dia todo foi assim, “Você vai passar”, “Não, eu não vou”, “Sim, você vai”, “Não, eu não vou”. Nem os olhares suplicantes de G. nem minhas explosões de raiva conseguem acalmá-los. Se você me perguntar, cerca de um quarto da turma deveria repetir de ano por serem burros, mas os professores são as criaturas mais imprevisíveis do planeta. Quem sabe, desta vez, eles sejam imprevisíveis na direção certa. Não estou muito preocupada com minhas amigas nem comigo.

Nós vamos passar. A única matéria sobre a qual não estou segura é matemática. Seja como for, tudo o que podemos fazer é esperar. Enquanto isso, nos resta animar umas às outras.

Eu me dou muito bem com todos os nove professores. São sete homens e duas mulheres. O sr. Keesing, velho rabugento que ensina matemática, ficou bravo comigo por muito tempo porque eu falava demais. Depois de vários avisos, ele me deu um dever de casa extra. Uma redação sobre o tema “A tagarela”. O que se pode escrever sobre esse assunto? Decidi me preocupar com isso depois. Anotei a tarefa no meu caderno, enfiei na mochila e tentei ficar quieta.

Naquela noite, depois de terminar a minha lição de casa, a nota sobre a redação chamou minha atenção. Comecei a pensar no assunto enquanto mordida a ponta da minha caneta-tinteiro. Qualquer outra pessoa podia divagar e deixar grandes espaços entre as palavras, mas o segredo era apresentar argumentos convincentes para provar a necessidade de falar. Eu pensei e pensei e, de repente, tive uma ideia. Escrevi as três páginas que o sr. Keesing tinha mandado e fiquei contente. Argumentei que falar é um traço

feminino e que faria o possível para mantê-lo sob controle, mas que jamais conseguiria me livrar desse hábito, pois a minha mãe fala tanto quanto eu, se é que não mais, e que não há muito o que fazer sobre os traços herdados.

O sr. Keesing deu uma boa risada dos meus argumentos, mas, quando eu comecei a falar na aula seguinte, ele me mandou fazer uma segunda redação. Desta vez, seria sobre “Uma tagarela incorrigível”. Eu entreguei e o sr. Keesing não teve nada do que reclamar por umas duas aulas inteiras. No entanto, na terceira aula, ele finalmente cansou. “Anne Frank, como castigo por conversar em aula, escreva uma redação intitulada “Quaquaquá, disse a dona Pata”.

A turma não parava de rir. Eu tive que rir também, apesar de ter praticamente esgotado minha criatividade sobre o tema “as tagarelas”. Era hora de inventar outra coisa, algo original. A minha amiga Sanne, que é boa em poesia, se ofereceu para me ajudar a escrever a redação, do começo ao fim, em versos. Eu pulei de alegria. O sr. Keesing estava tentando fazer de mim uma piada com esse assunto ridículo, mas eu faria de tudo para que a piada fosse ele. Terminei o poema e ficou lindo! Era sobre uma mãe pata e um pai cisne com três patinhos que foram mordidos até a morte pelo pai, porque grassaram demais. Felizmente, o sr. Keesing levou a piada da maneira certa. Ele leu o poema para a turma, acrescentando seus próprios comentários e para várias outras classes. Desde então, tenho permissão para falar e não recebi nenhum dever de casa extra. Pelo contrário, o sr. Keesing está sempre fazendo piadas hoje em dia.

Sua Anne

QUARTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1942.

Querida Kitty,

O calor está sufocante. Todo mundo está bufando porque está quente e eu tenho que andar para tudo que é canto. Só agora percebo como é agradável ir de bonde, mas, nós, judeus, não podemos mais fazer uso desse luxo; nossos próprios pés são bons o suficiente para nós. Ontem, na hora do almoço, eu tinha uma consulta com o dentista, na Jan Luykenstraat. É muito longe da nossa escola, fica na Stadstimmertuinen. Naquela tarde, por pouco, eu não adormeci na minha mesa. Felizmente, a auxiliar do dentista me ofereceu algo para beber. Ela é muito amável.

O único meio de transporte que nos resta é a balsa. O balseiro de Josef Israelkade nos levou quando lhe pedimos. Não é culpa dos holandeses que nós, judeus, estejamos passando por maus bocados.

Eu gostaria de não precisar ir à escola. Minha bicicleta foi roubada no feriado de Páscoa e, por precaução, o papai deu a da mamãe para alguns amigos cristãos. Graças a Deus as férias de verão estão chegando. Só mais uma semana e nosso tormento vai terminar. Algo inesperado aconteceu ontem de manhã. Quando eu estava passando pelos bicicletários, ouvi alguém chamar meu nome. Eu me virei e lá estava aquele garoto legal que eu havia conhecido na noite anterior, na casa da minha amiga Wilma. Ele é seu primo de segundo grau. Sempre achei a Wilma legal e ela é, mas só fala de garotos, e isso é chato. Ele veio na minha direção, um pouco tímido, e se apresentou como Hello Silberberg. Eu fiquei meio surpresa e não sabia bem o que ele queria, mas não demorei muito para descobrir. Ele perguntou se poderia me acompanhar à escola. “Se você está indo para lá, vou com você”, eu disse. E assim caminhamos juntos. Hello tem dezesseis anos e é bom em contar todos os tipos de histórias engraçadas. Esta manhã, ele estava de novo esperando por mim, espero que esteja sempre a partir de agora.

Sua Anne

Querida Kitty,

Até hoje, sinceramente, não consegui ter tempo para lhe escrever. Na quinta-feira, passei o dia inteiro com meus amigos, tivemos visitas na sexta e foi assim até hoje.

Hello e eu acabamos nos conhecemos melhor na semana passada e me contou muitas coisas sobre a sua vida. Ele é de Gelsenkirchen e está morando com os avós. Seus pais estão na Bélgica, mas ele não tem como ir para lá. Hello tinha uma namorada chamada Úrsula. Eu a conheço. Ela é uma perfeição de doçura e de chatices. Desde que me conheceu, Hello se deu conta de que está amortecido ao lado de Úrsula. Então eu sou uma espécie de tônico estimulante, que a gente nunca sabe para o que serve! Jacques passou a noite de sábado aqui. Domingo à tarde, ela estava na casa de Hanneli e eu morrendo de tédio aqui.

Hello viria aqui em casa naquela noite, mas ligou por volta das seis. Atendi o telefone e ele disse: “Aqui é Helmuth Silberberg. Posso falar com Anne?”.

“Oi. É a Anne.”

“Ah, oi, Anne. Como vai?”

“Bem, obrigada.”

“Eu queria dizer que sinto muito, não posso ir hoje à noite, mas gostaria de falar rapidinho com você. Tudo bem se eu passar e buscá-la em dez minutos?”

“Sim, tudo bem. Tchau!”

“Então já estou indo. Tchau!”

Desliguei o telefone e fui logo trocar de roupa e arrumar meu cabelo. Eu estava tão nervosa que me inclinei para fora da janela para vê-lo chegar. Finalmente, ele apareceu. Milagre dos milagres, eu não descí as escadas correndo, mas fiquei esperando bem quietinha ele tocar a campainha. Desci para abrir a porta e ele foi direto ao ponto.

“Anne, minha avó te acha muito nova para sair comigo e que eu deveria ir à casa dos Lowenbachs, mas você deve saber que não saio mais com a Úrsula.”

“Não, eu não sabia. O que aconteceu? Vocês dois brigaram?”

“Não, não foi nada disso. Eu disse para a Úrsula que não temos nada a ver um com o outro e que seria melhor não nos vermos mais, mas que ela sempre seria bem-vinda na minha casa e eu esperava ser bem recebido na dela. Na verdade, eu achava que a Úrsula estava se encontrando com outro garoto e tratei como se ela estivesse. Mas não era verdade. Então meu tio disse que eu deveria me desculpar, mas eu não quis, por isso terminei com ela. Na verdade, esse foi apenas um dos motivos. Agora a minha avó quer que eu saia com a Úrsula e não com você, mas eu não concordo e não vou. Às vezes, os velhos têm ideias muito antiquadas e não significa que eu tenha que concordar. Preciso dos meus avós, mas eles também precisam de mim. A partir de agora, estou livre às quartas-feiras à tarde. Veja só. Meus avós me fizeram me matricular em um curso de escultura em madeira, mas, na verdade, vou a um clube organizado pelos sionistas*. Meus avós não querem que eu vá, porque são antissionistas. Eu não sou um sionista fanático, mas é algo que me interessa. De qualquer forma, as coisas por lá andam tão complicadas que estou planejando sair. Então, na próxima quarta-feira será a minha última reunião. Isso significa que posso te ver na quarta à noite, sábado à tarde, sábado à noite, domingo à tarde e talvez até mais.”

“Mas, se seus avós são contra nossos encontros, você não deveria fazer isso escondido.”

“No amor e na guerra, tudo é permitido.”

Bem nesse momento, passamos pela livraria de Blankevoort e lá estava Peter Schiff com outros dois garotos. Essa foi a primeira vez, em séculos, que ele disse oi para mim e isso realmente me fez sentir bem.

.....
* Sionistas são os adeptos do sionismo - termo utilizado para se referir a um movimento político que surgiu na comunidade judia europeia no final do século XIX e que defendia a ideia da formação de um Estado Nacional que abrigasse os judeus na Palestina.

Na segunda-feira à noite, Hello veio conhecer o papai e a mamãe. Eu tinha comprado um bolo e alguns doces. Tomamos chá e comemos biscoitos, com tudo o que se tem direito, mas nós dois não estávamos com vontade de ficar lá comportados nas cadeiras. Então saímos para passear e ele só me trouxe para casa às oito e dez. O papai ficou furioso. Ele disse que foi muito errado da minha parte não chegar em casa na hora. Eu tive que prometer que, no futuro, estaria em casa por volta das dez para as oito. Fui convidada para ir à casa do Hello no sábado.

Wilma me contou que uma noite, quando Hello estava em sua casa, ela perguntou: “De quem você mais gosta, da Úrsula ou da Anne?”.

Ele disse: “Não é da sua conta”.

Mas, quando ele estava saindo (eles não haviam se falado o resto da noite), ele disse: “Bem, eu gosto mais da Anne, mas não conte a ninguém. Tchau!”. E vuupt... voou porta afora.

Em tudo o que ele diz ou faz, posso ver que Hello está apaixonado por mim e isso é legal. Margot diria que ele é indiscutivelmente o melhor. Eu também acho, mas Hello é mais do que isso. A mamãe também só o elogia: “Um menino bonito, simpático e educado”. Fico feliz que ele seja tão popular com todos. Menos com minhas amigas. Ele as acha muito infantis e ele está certo. Jacque ainda me provoca por causa dele, mas eu não estou apaixonada. Não exatamente. Para mim, não é um problema ter meninos como amigos. Ninguém se importa.

A mamãe está sempre me perguntando com quem vou me casar quando crescer, mas aposto que ela nunca vai adivinhar que é com o Peter, porque eu mesma tirei essa ideia da cabeça dela rapidinho. Eu amo o Peter como nunca ameie ninguém e fico dizendo a mim mesma que ele só sai com todas aquelas outras garotas para esconder seus sentimentos por mim. Talvez ele pense que Hello e eu estamos apaixonados, mas não estamos. Ele é apenas um amigo ou, como a mamãe diz, um namorado.

Sua Anne

DOMINGO, 5 DE JULHO DE 1942.

Na sexta-feira, a cerimônia de formatura no Teatro Israelita foi como o esperado. Meu boletim não foi tão ruim. Eu tirei um D, um C- em álgebra e todos os outros foram Bs, exceto dois Bs+ e dois Bs-. Meus pais estão satisfeitos, mas não são como os outros quando se trata de notas. Eles nunca se preocupam com boletins, bons ou ruins. Contanto que eu esteja saudável e feliz, e não seja muito respondona, eles estão satisfeitos. Se essas três coisas estiverem bem, todo o resto se arranja.

Sou exatamente o oposto. Não quero ser uma aluna fraca. Fui aceita no Liceu Judaico sob algumas condições. Deveria ficar na sétima série na Escola Montessori, mas, quando as crianças judias passaram a ser obrigadas a frequentar escolas judaicas, o sr. Elte finalmente concordou, depois de muita persuasão, em aceitar Lies Goslar e eu. A Lies também foi aprovada, embora ela tenha que repetir a prova de geometria.

Pobre da Lies. Não é fácil para ela estudar em casa. Sua irmã mais nova, uma garotinha mimada de dois anos, fica brincando no quarto dela o dia todo. Se Gabi não conseguir o que quer, começa a gritar e, se a Lies não cuidar dela, é a sra. Goslar quem começa a gritar. Por isso, a dificuldade em fazer a lição de casa, mas, se a Lies continuar desse jeito, nem as aulas particulares ajudarão. A casa dos Goslar é realmente peculiar. Os pais da sra. Goslar moram na casa ao lado e fazem as refeições com a família. Além da empregada, tem o bebê, o sempre distraído e ausente sr. Goslar e a sempre nervosa e irritada sra. Goslar, que está esperando outro bebê. Lies, que é muito desajeitada, fica perdida em meio a esse caos.

A minha irmã também recebeu seu boletim brilhante, como sempre. Se tivéssemos algo como “*cum laude*”*, teria passado com honras por ser tão inteligente.

* *Cum laude* é uma expressão do latim usada para indicar o nível de distinção acadêmica com o qual um indivíduo havia cursado um grau acadêmico.

Ultimamente, o papai tem ficado muito em casa. Não há nada para ele fazer no escritório. Deve ser horrível você sentir que não é necessário. O sr. Kleiman assumiu a Opekta e o sr. Kugler, a Gies & Co., empresa que lida com especiarias e condimentos, fundada em 1941.

Há alguns dias, enquanto passeávamos pela praça do bairro, papai começou a falar sobre nos escondermos. Ele disse que seria muito difícil vivermos isolados do resto do mundo. Perguntei por que ele tinha começado a falar sobre aquele assunto.

“Bem, Anne”, respondeu ele, “você sabe que há mais de um ano nós temos levado roupas, comida e móveis para outras pessoas. Não queremos que nossos pertences sejam tomados pelos alemães. Nem queremos cair nas garras deles. Então vamos sair por nossa própria vontade e não ficar esperando que eles nos arrastem.”

“Mas quando, papai?” Ele parecia tão sério que eu me assustei.

“Não se preocupe. Nós vamos cuidar de tudo. Agora, enquanto você pode, aproveite sua vida e deixe as preocupações para lá.”

Foi isso. Ah, que essas palavras sombrias não se tornem realidade pelo maior tempo possível.

A campanha está tocando, Hello está aqui. Hora de parar.

Sua Anne

QUARTA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1942.

Querida Kitty,

Parece que se passaram anos desde a manhã de domingo. Aconteceram tantas coisas que é como se o mundo inteiro tivesse virado de cabeça para baixo. Mas, como você pode ver, Kitty, ainda estou viva e, como diz o papai, isso é o principal. Estou bem viva, mas não pergunte onde ou como. Provavelmente, você não está entendendo uma palavra do que estou dizendo hoje, então vou começar contando o que aconteceu no domingo à tarde.

Às três horas (Hello havia saído, mas deveria voltar mais tarde), a campanha tocou. Eu não ouvi, pois estava na varanda, lendo preguiçosamente ao sol. Pouco minutos depois, a Margot apareceu na porta da cozinha muito agitada. “Papai recebeu um aviso de convocação da SS”, ela falou baixinho. “A mamãe foi ver o sr. van Daan.” (o sr. van Daan é o sócio do papai e um bom amigo.)

Eu fiquei apavorada. Uma convocação: todo mundo sabe o que isso significa. Visões de campos de concentração e de celas solitárias vieram rapidamente à minha cabeça. Como poderíamos deixar papai ter um destino desses? “Claro que ele não vai ter”, decretou a Margot enquanto esperávamos pela mamãe na sala. “A mamãe foi até o sr. van Daan para perguntar se podemos nos mudar para nosso esconderijo amanhã. Eles também vão conosco. Seremos sete no total.” Silêncio. Não conseguíamos falar. O pensamento em papai, visitando alguém no hospital judaico e desconhecendo completamente o que estava se passando, a longa espera por mamãe, o calor, o suspense — tudo isso nos reduzia ao silêncio.

De repente, a campanha tocou novamente. “É Hello”, eu disse.

“Não abra a porta!”, exclamou Margot para me impedir. Mas não foi necessário, pois ouvimos a mamãe e o sr. van Daan no andar de baixo falando com Hello e, então, os dois entraram e trancaram a porta. Toda vez que a campanha tocava, a Margot ou eu tínhamos que descer na ponta dos pés para ver se era o papai e não deixávamos mais ninguém entrar. Nós duas tivemos que sair da sala, pois o sr. van Daan queria falar a sós com a mamãe.

Quando estávamos sentadas no nosso quarto, Margot me disse que a convocação não era para o papai, mas para ela. Com esse segundo choque, comecei a chorar. Margot tem dezesseis anos — ao que parece, eles querem mandar garotas da idade dela sozinhas para longe. Mas, graças a Deus, ela não vai. A mamãe mesma havia dito e devia ser a isso que o papai se referia quando falou comigo sobre nos escondermos. Esconder-se... onde nos esconderíamos? Na cidade? No campo? Em uma casa? Em uma cabana de madeira? Quando, onde, como...? Essas eram perguntas que ficavam rodando na minha cabeça.

Margot e eu começamos a colocar nossos pertences mais importantes em uma mochila. A primeira coisa que eu coloquei foi este diário, depois, rolos, lenços, livros escolares, um pente e algumas cartas antigas. Preocupada com a ideia de me esconder, coloquei as coisas mais loucas na sacola, mas não me arrependo. Memórias significam mais para mim do que vestidos.

Meu pai finalmente chegou em casa por volta das cinco horas e ligamos para o sr. Kleiman para perguntar se ele poderia vir naquela noite. O sr. van Daan saiu e foi buscar a Miep. Ela chegou e prometeu voltar mais tarde trazendo uma sacola cheia de sapatos, vestidos, jaquetas, cuecas e meias. Depois disso, nosso apartamento ficou em silêncio. Nenhum de nós tinha vontade de comer. Ainda estava quente e tudo estava muito estranho.

Havíamos alugado nosso grande quarto no andar de cima para um tal sr. Goldschmidt, um homem divorciado de trinta e poucos anos, que aparentemente não tinha nada para fazer naquela noite, já que, apesar de todas as nossas indiretas educadas, ficou por ali até as dez horas.

Miep e Jan Gies chegaram às onze. Miep, que trabalha para a empresa do papai desde 1933, tornou-se uma amiga íntima, assim como seu marido Jan. Mais uma vez, sapatos, meias, livros e roupas íntimas desapareceram na bolsa de Miep e nos bolsos fundos de Jan. Às onze e meia, eles também desapareceram.

Eu estava exausta e, mesmo sabendo que seria minha última noite na minha própria cama, adormeci imediatamente e não acordei até que a mamãe me chamou às cinco e meia da manhã seguinte. Felizmente, não estava tão quente quanto no domingo; uma chuva morna caiu durante todo o dia. Nós quatro estávamos vestindo tantas camadas de roupas que parecia que íamos passar a noite em uma geladeira. Tudo isso só para podermos levar mais roupas conosco. Nenhum judeu na nossa situação ousaria sair de casa com uma mala cheia de roupas. Eu estava usando duas camisetas, três calcinhas, um vestido e, por cima, uma saia, uma jaqueta, uma capa de chuva, dois pares de meias, sapatos pesados, um boné, um cachecol e muito mais. Eu estava sufocando antes mesmo de sair de casa, mas ninguém se preocupou em me perguntar como eu me sentia.

Margot encheu sua mochila com livros escolares, foi buscar sua bicicleta e, com Miep na frente, partiu para o grande desconhecido. De qualquer forma, era assim que eu pensava, pois ainda não sabia onde ficava o nosso esconderijo.

Às sete e meia também fechamos a porta. A Moortje, minha gata, foi a única criatura viva de quem me despedi. De acordo com um bilhete que deixamos para o sr. Goldschmidt, ela deveria ser levada para os vizinhos, que lhe dariam um bom lar. As camas desarrumadas, as coisas do café da manhã sobre a mesa, o meio quilo de carne para a gata na cozinha — tudo isso dava a impressão de que havíamos saído com pressa. Mas aquilo não importava. Só queríamos sair de lá, fugir e chegar ao nosso destino em segurança. Nada mais importava.

Mais amanhã.

Sua Anne

QUINTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1942.

Querida Kitty,

Então lá estávamos nós: o papai, a mamãe e eu, andando na chuva torrencial, cada um de nós com uma mochila e uma sacola de compras cheia até a borda com as mais variadas coisas. As pessoas que iam para o trabalho àquela hora da manhã nos dirigiam olhares compassivos. Você podia dizer pelo rosto deles que lamentavam não nos oferecer algum tipo de transporte. A óbvia estrela amarela falava por si mesma.

Somente quando estávamos caminhando pela rua é que o papai e a mamãe revelaram, pouco a pouco, qual era o plano. Durante meses, estávamos tirando o máximo possível de nossos móveis e roupas do apartamento. Ficou combinado que iríamos para o esconderijo em 16 de julho. Por causa do aviso de convocação da Margot, o plano teve que ser adiantado em dez dias, o que significava que teríamos que nos contentar com quartos menos arrumados.

O esconderijo ficava no prédio do escritório do papai. Isso é um pouco difícil para os de fora entenderem, então vou explicar. O papai não tinha muitas pessoas trabalhando em seu escritório, apenas o sr. Kugler, o sr. Kleiman, Miep e uma datilógrafa de 23 anos chamada Bep Voskuijl. Todos sabiam de nossa chegada. O sr. Voskuijl, pai da Bep, trabalha no armazém, junto com dois assistentes, nenhum deles ficou sabendo de nada.

Aqui está uma descrição do prédio. O grande armazém, no andar térreo, é usado como oficina e depósito, e está dividido em várias seções, como o almoxarifado e a moagem, onde são moídos canela, cravo e pimenta.

Ao lado das portas do armazém, há outra porta externa, uma entrada separada para o escritório. Logo depois da porta do escritório, há uma segunda porta e, atrás dela, uma escada. No topo da escada, há outra porta, com uma janela fosca na qual a palavra “Escritório” está escrita em letras pretas. Esse é o escritório principal — muito grande, iluminado e cheio. Bep, Miep e o sr. Kleiman trabalham lá durante o dia. Depois de passar por um quatinho que tem um cofre, um guarda-roupa e um grande armário de suprimentos, você chega ao escritório dos fundos, pequeno, escuro e abafado. Ele costumava ser compartilhado pelo sr. Kugler e pelo sr. van Daan, mas agora o sr. Kugler é o único ocupante. Pode-se também chegar ao escritório do sr. Kugler pelo corredor, mas apenas por uma porta de vidro que só pode ser aberta por dentro, mas não facilmente por fora. Se você sair do escritório do sr. Kugler e prosseguir pelo longo e estreito corredor, passando pelo depósito de carvão e subindo quatro degraus, você chega ao escritório particular, a peça principal de todo o edifício. Móvel elegante de mogno, piso de linóleo coberto com tapetes, um rádio e uma luminária luxuosa. Tudo de primeira classe. Na outra porta, há uma cozinha espaçosa com aquecedor para água e dois queimadores a gás, e, ao lado, fica um banheiro. Esse é o segundo andar.

Uma escada de madeira leva do corredor do térreo ao terceiro andar. No topo da escada, há um patamar, com portas dos dois lados. A porta da esquerda leva até a área de armazenamento de especiarias. Há um sótão na parte da frente da casa. Um lance de escadas tipicamente holandeses, muito íngreme, também dá acesso da parte da frente da casa para outra porta que dava para a rua.

A porta à direita do patamar leva ao “anexo secreto”, na parte de trás da casa. Ninguém jamais suspeitaria que havia tantos cômodos atrás daquela simples porta cinza. Há apenas um pequeno degrau na frente da porta e, então, você entra direto. Bem na frente, fica um lance de escada íngreme. À esquerda há um corredor estreito que dá acesso a um cômodo que serve como sala de estar e quarto da família Frank. Ao lado, há um cômodo menor, o quarto e o escritório das duas jovens da família, à direita da escada tem um banheiro sem janelas, com uma pia. A porta no canto leva ao banheiro; e outra, ao nosso quarto, meu e da Margot. Se você subir as escadas e abrir a porta que fica no alto da escada, vai ficar surpreso ao ver um cômodo tão grande, claro e espaçoso em uma antiga casa à beira do canal como esta. Nele tem um fogão (graças ao fato de ter sido o laboratório do sr. Kugler) e uma pia. Essa será a cozinha e quarto do sr. e da sra. van Daan, bem como a sala de estar geral, sala de jantar e estudo para todos nós. Uma pequena sala lateral será o quarto de Peter van Daan. E na parte da frente do edifício, há um sótão. Pronto! Acabei de apresentar-lhe todo o nosso adorável esconderijo!

Sua Anne

SEXTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1942.

Querida Kitty,

Provavelmente, deixei você entediada com a longa descrição da nossa nova casa, mas ainda acho que você deveria saber onde fui parar. Como acabei aqui é algo que você ficará sabendo nas minhas próximas cartas.

Primeiro, deixe-me continuar a história, porque, como você sabe, eu não a terminei. Depois que chegamos à casa na rua Prinsengracht, no número 263, Miep rapidamente nos conduziu pelo longo corredor, pela

escada de madeira até o próximo andar e para o anexo. Ela fechou a porta, deixando-nos sozinhos. Margot tinha chegado de bicicleta muito mais cedo e esperava por nós.

Nossa sala de estar e todos os outros quartos estavam tão cheios de coisas que não consigo encontrar palavras para descrever. Todas as caixas de papelão que haviam sido enviadas ao escritório nos últimos meses estavam empilhadas no chão e nas camas. A pequena sala estava cheia de lençóis até o teto. Se quiséssemos dormir em camas bem-feitas naquela noite, teríamos que dar um jeito de colocar ordem naquela bagunça imediatamente. A mamãe e a Margot não conseguiam mover um músculo. Deitaram-se em seus colchões sem lençóis nem cobertas, cansadas, arrasadas e sem saberem o que fazer. Mas papai e eu, e os dois faxineiros da família, logo começamos.

Durante todo o dia, desempacotamos caixas, enchemos armários, martelamos pregos e arrumamos a bagunça até cairmos exaustos em nossas camas limpas à noite. Não tínhamos comido uma refeição quente o dia todo, mas não nos importamos. A mamãe e a Margot estavam muito cansadas e tensas para comer, o papai e eu, muito ocupados.

Na terça de manhã, começamos de onde havíamos parado na noite anterior. Bep e Miep foram às compras com nossos cupons de racionamento, o papai trabalhou em nossas telas de blecaute, esfregamos o chão da cozinha e, mais uma vez, trabalhamos do nascer do sol ao anoitecer. Até quarta-feira, não tive chance de pensar na enorme mudança que acontecia em minha vida. Então, pela primeira vez desde nossa chegada ao anexo secreto, encontrei um momento para contar tudo a você e me dar conta do que havia se passado comigo e do que ainda estava por acontecer.

Sua Anne

SÁBADO, 11 DE JULHO DE 1942.

Querida Kitty,

O papai, a mamãe e a Margot ainda não conseguiram se acostumar com as badaladas do relógio da Westertoren, que marca a hora a cada 15 minutos. Eu gostei desde o início. Parece muito tranquilizador, especialmente à noite. Imagino que você queira saber o que eu penso sobre estar escondida. Só posso dizer que ainda não sei muito bem. Acho que nunca me sentirei à vontade nesta casa, mas isso não significa que eu a odeie. É mais como estar de férias em algum hotel estranho. É uma maneira diferente de ver a vida quando se está em um esconderijo, mas é assim que as coisas são. O anexo é ideal como esconderijo. Pode ser úmido e assimétrico, mas, provavelmente, não há um abrigo mais confortável em toda Amsterdã. Nem em toda a Holanda.

Nosso quarto, com suas paredes brancas, estava muito vazio até agora. Mas graças ao papai — que já havia trazido toda a minha coleção de cartões postais e estrelas de cinema — e a um pincel e um pote de cola, consegui cobrir as paredes com fotos. Ficou tudo muito mais alegre. Quando os van Daan chegarem, poderemos montar armários e outros objetos com a madeira empilhada no sótão.

A Margot e a mamãe se recuperaram um pouco. Ontem a mamãe se sentiu bem pela primeira vez e decidiu preparar uma sopa de ervilhas, mas acabou descendo, ficou conversando e a esqueceu. As ervilhas ficaram pretas de tão queimadas e, por mais que se raspasse, não tinha como tirá-las da panela.

Ontem à noite, nós quatro fomos ao escritório particular e ouvimos a Inglaterra pelo rádio. Eu estava com tanto medo de que alguém pudesse escutar que literalmente implorei ao meu pai para me levar de volta para cima. A mamãe entendeu minha ansiedade e foi comigo. Independentemente do que fizermos, temos muito medo de que os vizinhos nos ouçam ou nos vejam. Já no primeiro dia, começamos a costurar umas cortinas. Na verdade, mal podemos chamá-las assim, pois não passam de pedaços de tecido, variando muito em forma, qualidade e padrão, que o papai e eu costuramos de qualquer jeito, com mãos nada qualificadas. Essas obras de arte foram pregadas nas janelas, onde ficarão até sairmos do esconderijo.

O prédio à nossa direita é uma filial da Companhia Keg, uma empresa de Zaandam, e à esquerda fica um ateliê de móveis. Embora as pessoas que trabalham lá não estejam no local depois do expediente, qualquer som que façamos pode passar pelas paredes. Por isso, proibimos a Margot de tossir à noite, embora ela esteja com um resfriado forte, e estamos dando a ela doses grandes de codeína.

Estou ansiosa pela chegada dos van Daan, que está marcada para terça-feira. Vai ser muito mais divertido e não tão silencioso. Você sabe, o silêncio me deixa nervosa durante as tardes e noites, e eu daria tudo para que uma das pessoas que nos ajudam dormisse aqui.

O esconderijo não é tão ruim, já que podemos cozinhar nossa própria comida e ouvir rádio no escritório do papai.

O sr. Kleiman, a Miep e a Bep Voskuijl têm nos ajudado muito mesmo. Já enlatamos montes de ruibarbo, morangos e cerejas, então, por enquanto, duvido que fiquemos entediados. Também temos material de leitura e vamos comprar vários jogos. Claro, não podemos sequer olhar pela janela ou sair. E temos que ficar quietos para que as pessoas lá embaixo não nos ouçam.

Ontem o dia foi cheio. Tivemos que descarregar duas caixas de cerejas para o sr. Kugler enlatar. Vamos usar as caixas vazias para fazer estantes de livros.

Alguém está me chamando.

Sua Anne

COMENTÁRIO ACRESCENTADO POR ANNE EM 28 DE SETEMBRO DE 1942: Não poder sair me incomoda mais do que eu possa explicar, e me aterroriza pensar que nosso esconderijo seja descoberto e que sejamos fuzilados. Essa, é claro, é uma possibilidade bastante desalentadora.

DOMINGO, 12 DE JULHO DE 1942.

Todos têm sido tão legais comigo neste último mês por causa do meu aniversário e, ainda assim, a cada dia, sinto que venho me afastando cada vez mais da mamãe e da Margot. Trabalhei duro hoje e elas me elogiaram, mas, cinco minutos depois, já começaram a pegar no meu pé de novo.

Dá para facilmente ver a diferença entre a maneira como tratam a Margot e a mim. Por exemplo, a Margot quebrou o aspirador de pó e, por causa disso, ficamos sem luz o resto do dia. A mamãe disse: “Bem, Margot, é fácil ver que você não está acostumada a trabalhar, caso contrário, saberia que não se puxa o plugue pelo fio”. A Margot respondeu alguma coisa e parou por aí.

Mas esta tarde, quando eu quis reescrever alguma coisa na lista de compras da mamãe, porque a letra dela é difícil de entender, ela não me deixou. Gritou de novo comigo e toda a família acabou se envolvendo.

Não tenho muito a ver com eles e percebi isso claramente nas últimas semanas. Eles são muito sentimentais juntos. Eu prefiro ser sentimental sozinha. Estão sempre dizendo que nós quatro temos um relacionamento bom, que nos damos bem, sem sequer pensar, por um momento, no fato de que eu não me sinto assim.

O papai é o único que me entende de vez em quando, embora fique do lado da mamãe e da Margot na maioria das vezes. Outra coisa que não suporto é que falem de mim perto de pessoas de fora, contando como chorei ou como estou me comportando de maneira razoável. É horrível. E, às vezes, eles falam sobre a Moortje e eu não aguento. Ela é o meu ponto fraco. Sinto falta dela a cada minuto e ninguém sabe quantas vezes penso nela. Sempre que eu penso, meus olhos se enchem de lágrimas. A Moortje é tão doce e eu a amo tanto, que continuo sonhando que ela voltará para nós.

Eu tenho muitos sonhos, mas a realidade é que temos que ficar aqui até que a guerra termine. Não podemos sair de jeito nenhum e as únicas visitas que podemos receber são a Miep, o seu marido, Jan, Bep Voskuijl, o sr. Voskuijl, o sr. Kugler, o sr. Kleiman e a sra. Kleiman, embora ela não venha porque acha muito perigoso.

COMENTÁRIO ACRESCENTADO POR ANNE EM SETEMBRO DE 1942: O papai é sempre muito legal. Ele me entende perfeitamente e eu gostaria que pudéssemos ter uma conversa de coração para coração em algum momento, sem que eu desate a chorar na hora. Mas acho que isso tem a ver com a minha idade. Gostaria de passar todo o meu tempo escrevendo, mas, com certeza, isso seria chato. Até agora só confiei meus pensamentos ao meu diário. Ainda não consegui escrever esquetes divertidos que, mais tarde, eu pudesse ler em voz alta. No futuro, vou dedicar menos tempo ao sentimentalismo e mais tempo à realidade.

SEXTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1942.

Querida Kitty,

Eu abandonei você por um mês inteiro, mas aconteceram tão poucas coisas que não consigo achar nem mesmo um evento que valha a pena relatar. Os van Daan chegaram em 13 de julho. Pensávamos que eles viriam no dia 14, mas, do dia 13 ao dia 16, os alemães enviaram vários avisos de convocação e causaram muita agitação, então eles decidiram que seria mais seguro sair um dia antes do que um dia depois.

Peter van Daan chegou às nove e meia da manhã, enquanto ainda estávamos tomando café da manhã. O Peter vai fazer dezesseis anos, é um garoto tímido e desajeitado, cuja companhia não vai fazer muita diferença. O sr. e sra. van Daan chegaram meia hora depois.

Para nossa diversão, a sra. van Daan veio carregando uma caixa de chapéus com um grande penico dentro. “Eu simplesmente não me sinto em casa sem meu penico!”, ela exclamou, e aquele foi o primeiro objeto a encontrar um lugar permanente embaixo do sofá. Em vez de um penico, o sr. van Daan trazia, debaixo do braço, uma pequena mesa dobrável de chá.

Desde o início, fazíamos nossas refeições juntos e, depois de três dias, parecia que nós sete tínhamos nos tornado uma grande família. Naturalmente, os van Daan tinham muito a contar sobre a semana em que estivemos longe da civilização. Estávamos particularmente interessados no que havia acontecido com nosso apartamento e com o sr. Goldschmidt.

O sr. van Daan nos contou os últimos acontecimentos: “Segunda-feira de manhã, às nove, o sr. Goldschmidt ligou e perguntou se eu poderia ir lá. Fui imediatamente e o encontrei muito perturbado. Ele me mostrou um bilhete que a família Frank tinha deixado. Conforme havia sido instruído, ele estava pensando em levar a gata para os vizinhos, e concordei como sendo uma boa ideia. Ele estava com medo de que a casa fosse revistada, então passamos por todos os cômodos, arrumando aqui e ali, e tirando as coisas do café da manhã que estavam na mesa. De repente, vi um bloco de notas na mesa da sra. Frank, com um endereço em Maastricht escrito nele. Mesmo sabendo que a sra. Frank havia deixado a anotação de propósito, eu fingi estar surpreso e horrorizado e implorei ao sr. Goldschmidt para queimar aquele pedaço de papel incriminador. Jurei de alto a baixo que não sabia nada sobre o desaparecimento de vocês, mas que o bilhete havia me dado uma ideia. ‘Sr. Goldschmidt’, eu disse, ‘aposto que sei de quem é esse endereço. Há uns seis meses, um oficial de alta patente veio ao escritório. Parece que ele e o sr. Frank cresceram juntos. Ele prometeu ajudar o sr. Frank se fosse necessário. Pelo que me lembro, ele estava posicionado em Maastricht. Acho que esse oficial manteve sua palavra e está planejando ajudá-los a atravessarem para a Bélgica e depois seguirem para a Suíça. Não há mal nenhum em contar isso a qualquer amigo dos Frank que venha perguntar sobre eles. Claro, você não precisa mencionar a parte sobre Maastricht’. Depois disso, fui embora. Essa é a história que a maioria de seus amigos ouviu, porque eu a ouvi ser contada por várias outras pessoas depois”.

Achamos isso extremamente engraçado, mas rimos ainda mais quando o sr. van Daan nos disse que algumas pessoas têm uma imaginação fértil. Por exemplo, uma família que mora em nosso quarteirão alegou ter visto nós quatro andando de bicicleta de manhã cedo, e uma outra mulher estava absolutamente certa de que tínhamos sido colocados em algum tipo de veículo militar no meio da noite.

Sua Anne